

Revista de Agricultura

DIRECTORES

Prof. N. Athanassof

Prof. Octavio Domingues

Prof. S. T. Piza Junior

Prof. Carlos T. Mendes

Prof. Ph. W. C. Vasconcellos

Publicação bi-mensal de ensinamento theorico e pratico

Vol. 10

Setembro-Outubro de 1935

N. 9 - 10

PERNAS CURTAS OU ZEBU' ?

Quem tivesse acompanhado com interesse o julgamento das raças bovinas de corte, na Exposição Farrroupilha, notaria a tendencia acentuado do jurado argentino, sr. Pedro Kihlberg, em premiar animais de porte reduzido, sem pernas, mas com a forma classica de pipa, segundo os ensinamentos eternos de mestre Bakewell. Em breve entrevista, que deu, a um matutino de Porto-Alegre, teve a oportunidade de expôr seu ponto de vista, como tecnico experimentado, e então disse: "E' preciso recordar que os consumidores de carne exigem, pelo que pagam, boa carne sem desperdicio, isto é, um animal que tenha um grande esqueleto e patas compritas não poderá jamais produzir o mesmo que um animal largo e profundo. As patas, os ossos, os intestinos e a graxa não se comem, são sobras que não aproveitamos na alimentação, e que da mesa voltam á cosinha. Resumindo, de um kilo de carne deixaremos no prato 350 grs. de ossos e 300 grs. de graxa, o que representa uma perda de 60 p. c. do capital gasto em adquiri-la, e que para nada servirá, restando então somente um proveito de 40 p. c. Numa população de 5 milhões de cabeças isto representará uma perda notavel, não só por esta parte, mas, tambem com referencia ao campo ocupado por essa classe de gado, que sempre será mal cotado".

A tendencia para os animais de pouco pêso, mas de qualidade, é um fato no mundo pecuario moderno. E' preciso

produzir mais quartos de carne de boa qualidade, embora menores, e diminuir os grandes novilhos, cujo esqueleto será, forçosamente, muito mais pesado, proporcionalmente.

Esse não pode, entretanto, ser o ideal de quem cria zebú, o boi de grandes pernas, típico por isso. Não poderemos, portanto, com seus mestiços, incluírmo-nos entre os criadores do boi de corte de melhor cotação nos mercados, que nos devem comprar. Não, propriamente, para uso interno, está bem visto. Nós compramos e comemos (ou não comemos) a carne que encontramos no açougue, que é a que os frigoríficos acham ser a única que devemos comer, ou melhor, comprar.

Outro criador argentino, visitante da Farroupilha, e que teve ocasião de externar sua opinião foi para dizer: "Pelo que pude observar, parece-me que o criador do Rio Grande preocupa-se muito com o peso dos seus produtos. Chega mesmo a entusiasmar-se com esse fator. E' evidentemente um êrro que deve ser corrigido. Precisamos produzir gado de pouco peso, mas de muita qualidade. Quanto melhor a carne, mais perto estaremos dos mercados consumidores. E quanto mais ácerca estivermos dessas praças de consumo, maior será o progresso da industria pecuaria. Fora disso, a pecuaria nunca poderá formar na ala da frente das correntes economicas de um país".

O animal de açougue deve de ter membros curtos, mais curtos do que a profundidade do torax. «Long neck and legs cannot be part of good beef conformation» — ensinam os tratadistas americanos.

Esses conselhos, esses ensinamentos não podem, porem, ser ouvidos e seguidos por quem "emperna" seu gado com o sangue zebú, que, aliás, já ultrapassou o rio Uruguai, penetrando nas campinas setentrionais do Rio Grande.

Mas, si não criarmos o zebú não poderemos criar nada. De acôrdo. Então, criemo-lo, mas sem a pretensão de disputarmos mercados, que se caracterizam pelas suas exigencias. Criemo-lo para nós mesmos, sem outros cuidados, que ele aliás não precisa, para ser o boi de açougue, fornecedor da carne com que nos deliciamos cada dia.